

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA – O QUE PESQUISAS APONTAM?

Vívian de Oliveira Amorim¹
Léia Cruz de Menezes Rodrigues²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar trabalhos acadêmicos que tomam como objeto de estudo o ensino de variação linguística e língua portuguesa nas escolas do Estado do Ceará, a fim de compreender o que vem sendo criticado e sugerido, permitindo, assim, obter um panorama geral do fenômeno da variação linguística, a partir do qual propostas metodológicas podem ser elaboradas. A metodologia utilizada no presente trabalho foi a pesquisa bibliográfica, sendo realizada uma revisão de trabalhos acadêmicos de universidades localizadas no estado do Ceará que possuem como tema de pesquisa a o ensino da variação linguística, para isso foi utilizado o método comparativo, a fim de comparar os diferentes trabalhos acadêmicos sobre a mesma temática e, dessa forma, identificar semelhanças, diferenças e padrões em cada uma delas. Os resultados revelaram que os trabalhos utilizam-se de perspectivas e abordagens semelhantes para tratar sobre o tema variação e ensino. Todos os estudos apontam para o fato de que as escolas e livros didáticos analisados não abordam o fenômeno da variação linguística de maneira efetiva, privilegiando o ensino da norma-culta e excluindo as demais variedades da língua. Desse modo, essa pesquisa demonstra, então, a necessidade de uma reformulação dos três eixos (escola, professor e livro didático) para que o ensino do fenômeno de variação linguística seja feito de maneira ideal.

Palavras-chave: Variação linguística; Ensino; Professores; Livro didático.

ABSTRACT

This work aims to analyze academic works that take as their object of study the teaching of linguistic variation and Portuguese language in schools in the State of Ceará, in order to understand what has been criticized and suggested, thus allowing us to obtain a general overview of the linguistic variations, from which methodological proposals can be developed. The methodology used in the present work was a bibliographical research, with a review of academic works from universities located in the state of Ceará that have as their research theme the teaching of linguistic variation. For this purpose, the comparative method was used, in order to compare the different academic works on the same topic and, in this way, identify similarities, differences and patterns in each of them. The results revealed that the works used similar perspectives and approaches to deal with the topic of variation and teaching. All studies point to the fact that the schools and textbooks developed do not address the characteristics of linguistic diversity effectively, favoring the teaching of the standard language and excluding other

¹Graduanda do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab). Email: viviandjc4@gmail.com.

²Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Docente lotada no Instituto de Linguagens e Literaturas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab). Email: leiamenezes@unilab.edu.br.

varieties of the language. In this way, this research demonstrates the need for a reformulation of the three axes (school, teacher and textbook) so that the teaching of linguistic variation is carried out in an ideal way.

Keywords: Linguistic Variation; Teaching; Teachers; Textbook

1. INTRODUÇÃO

A língua, como a sociedade, é viva, dinâmica e em constante transformação, sofrendo alterações por diversos fatores, sejam eles sociais, geográficos, históricos, linguísticos; por isso, não deve ser entendida como um todo homogêneo, a essa dinamicidade da língua é dado o nome de *variação linguística*. O fenômeno da variação linguística é constitutivo das interações sociais.

No âmbito escolar, os estudantes são apresentados a esse fenômeno nas aulas de língua portuguesa, a fim de que possam entender a dinamicidade da língua, sua pluralidade e refletir sobre a diversidade cultural, regional e social do país. No entanto, o ensino nem sempre é bem-sucedido na abordagem da variação linguística, conforme várias pesquisas em âmbito acadêmico atestam. Não raras vezes, os materiais didáticos adotados pela escola são apontados como inadequados à compreensão do fenômeno, apresentando-o de modo caricatural ou como marca de uma informalidade associada às camadas mais carentes da sociedade.

A título de exemplo, destacamos pesquisa publicada em 2017, realizada pela professora Luiza Araújo, da Universidade Estadual do Ceará, em parceria com aluna de doutorado. Ao analisarem o primeiro volume da coletânea *Vontade de saber português* (ALVES; BRUGNEROTTO, 2012)³, avaliada e aprovada pelo Plano Nacional do Livro Didático é adotado pela rede pública de ensino para os anos de 2014, 2015 e 2016, as autoras destacaram o modo como uma tirinha da personagem de origem rural chamado *Zé Pequeno* foi apresentada na obra. Na tirinha, a personagem é entrevistada por uma repórter que indaga se o garoto tem muitos amigos que navegam na rede; e o garoto responde que “aqui nós usa a rede pra dormir ou pegá pêxe”. No livro, segundo as pesquisadoras, as explicações sobre variação linguísticas ficam restritas ao fato de que a repórter faz uso de formas prestigiadas enquanto o garoto faz uso de formas próximas ao falar do dia a dia. Esse é um exemplo de como a variação fica circunscrita à

³ Disponível em https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51964/1/2017_art_aaraujomlspereira.pdf.

informalidade, ao universo rural, ao baixo letramento; sem reflexão sobre os aspectos sócio-históricos dos falantes.

Intentávamos realizar pesquisa sobre a variação linguística nas aulas de língua portuguesa – assistir aulas, analisar o material didático utilizado pelo professor e como ele o utiliza. Antes, porém, fomos conhecer que outras pesquisas existiam sobre o tema. Nos repositórios acadêmicos de universidades cearenses – UFC, UECE e Unilab – identificamos um total de 83 trabalhos relacionados ao tema *Variação e Ensino*, sendo 53 trabalhos da Universidade Federal do Ceará (UFC), 16 trabalhos da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e 14 trabalhos da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab).

Chamou-nos atenção o quantitativo de pesquisas já realizadas sobre *variação e ensino*, e uma reflexão nos fez mudar de rota – sem sair do tema: **o que tais pesquisas apontam?** Se há tantos trabalhos acadêmicos, porque esses não dialogam entre si na construção de materiais pedagógicos que concedam um bom aporte teórico-metodológico para o trabalho com a variação linguística no Estado do Ceará?

Assim, escolhemos cinco dissertações de mestrado: 02 trabalhos realizados no PPGL/UFC, 01 realizado no ProfLetras/UECE e 02 realizados no PPGLin/UNILAB. A dissertação defendida na UFC em 2007 é para nós uma espécie de parâmetro inicial, uma vez suas discussões já datam 17 anos. As outras quatro dissertações são bem recentes, respectivamente de 2021 e de 2023. Tanto a dissertação defendida na UECE quanto a defendida na UNILAB, em 2021, analisam o livro didático *Tecendo Linguagens*; por sua vez, a dissertação defendida na UFC e a defendida na UNILAB em 2023 e analisam a coleção *Se Liga na Língua*.

Indagamo-nos acerca dos pontos em comum entre essas pesquisas, a que resultados chegaram, que sugestões apontam e se há diálogos explícitos entre seus autores. Para tratar do fenômeno da variação linguística, utilizaremos, primordialmente, os trabalhos de Bagno (1999, 2007, 2017).

Organizamos a apresentação de nossa pesquisa em mais quatro seções, para além desta introdução; nas quais apresentamos o conceito de variação, sua aplicação ao ensino e o conceito de erro; resenhamos os cinco trabalhos de pesquisa sobre variação e arrematamos com a síntese dos trabalhos resenhados e desdobramentos para continuidade da pesquisa.

2. O FENÔMENO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: TEORIA E PRÁTICA.

Na perspectiva da Sociolinguística Variacionista, a língua é entendida como heterogênea, multifacetada e dinâmica, reflexo dos usos que dela seus falantes fazem, conforme destacam Bagno, Casseb-Galvão e Rezende (2017):

A sociolinguística reconhece que a língua, que não tem vida fora de seus usuários, fora da comunidade que a fala, é afetada constante e fortemente por forças de conservação e de inovação e, por isso, ao invés de focar sua atenção na oposição sincronia vs. diacronia, instaurada pela linguística estruturalista, propõe a noção de diacronia na sincronia ou pancronia, na certeza de que forças correlativas às mudanças ao longo da história afetam significativamente o estágio atual da língua (BAGNO; CASSEB-GALVÃO; REZENDE, 2017, p. 17).

Dado o seu caráter heterogêneo, há formas distintas de construção linguística de realidades. Em Mollica e Braga (2003) lemos:

“Encontram-se assim formas distintas que, em princípio, se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático-discursivo” (MOLLICA; BRAGA, 2003, p. 9).

Assim, o linguista que assume a vertente Sociolinguística toma como objeto de estudo a variação linguística e busca investigar os fatores que levam essa variação linguística a existir, sejam esses fatores: sociais, culturais ou históricos. Segundo Preti (1994):

[...] no princípio, poderíamos aceitar a ideia que a sociolinguística estudaria as relações entre variações linguísticas e variações sociológicas. Porém, essas relações além de vagas, envolvem múltiplos contatos entre a linguística, a sociologia e a etnologia, “a ponto de se entender a língua e a sociedade como uma mesma unidade dentro do processo vital” (PRETI, 1994, p.14).

O estudo sociolinguístico, portanto, entrelaça a estrutura da língua à estrutura social, evidenciando como fatores sociais influenciam a língua, tornando-se assim uma busca pelo entendimento das identidades construídas pelos usos linguísticos. Segundo Bagno, Casseb-Galvão e Rezende (2017)

A sociolinguística reconhece que a língua, que não tem vida fora de seus usuários, fora da comunidade que a fala, é afetada constante e fortemente por forças de conservação e de inovação e, por isso, ao invés de focar sua atenção na oposição sincronia vs. diacronia, instaurada pela linguística estruturalista, propõe a noção de diacronia na sincronia ou pancronia, na certeza de que forças correlativas às mudanças ao longo da história afetam significativamente o estágio atual da língua (BAGNO; CASSEB-GALVÃO; REZENDE, 2017, p. 17).

A fim de estudar a variação linguística, os estudiosos não apenas devolvem à língua os seus usuários⁴, mas também a devolvem ao sistema linguístico, ou seja, ao conjunto de regras de possibilidades de construção de significados por meio de uma dada língua. Isso ocorre porque tanto os fatos sociais e culturais – extralinguísticos – quanto os fatores internos ao sistema da língua – fonológicos, morfológicos, morfossintáticos, sintáticos são analisados na compreensão do fenômeno da variação.

O fenômeno da variação linguística, pode ser, portanto, entendido como situado socialmente, daí se falar em variação *diatópica* (também chamada de geográfica), *diastrática* (também chamada de social), e *diafásica* (também chamada de estilística), e explicado internamente, daí se falar em variação em âmbitos lexical, fonológico, morfofonológico, morfológico, morfossintático, sintático e discursivo.

Se entendemos a língua como um conjunto de variedades, é óbvio que estudar a variação é de importância inconteste; mas é preciso que essas discussões sejam transpostas para o ensino? Muitos entendem que não, prova disso foi a repercussão negativa do livro didático de língua portuguesa intitulado *Por uma vida melhor*, da coleção Viver, Aprender, adotado pelo Ministério da Educação (MEC) para a Educação de Jovens e Adultos (EJA), em 2014, ao ousar dedicar um capítulo ao *uso popular da língua*. A frase que exemplificava a variação – ‘Nós pega o peixe’⁵ – foi parar em manchetes, revistas, telejornais, rádio, programas de entrevistas, mídias sociais. Um dos principais argumentos dos que se revoltaram com a explicação de que ‘Nós pega o peixe’ é aceitável em língua portuguesa, pois se caracteriza como variação, concerne ao papel da escola: trabalhar com a Norma Culta, por ser ela necessária à ascensão social.

2.1. A variação linguística na sala de aula e o conceito de “erro”.

O papel da escola não é, realmente, ensinar ao aluno aquilo que ele já sabe, o que inclui os usos linguísticos já adquiridos em sua vivência fora do ambiente escolar,

⁴ Aqui fazemos alusão à dicotomia *langue* versus *parole*, do Estruturalismo. Visto que o objeto da Linguística foi definido como a *langue*; os usos do sistema linguístico pelos falantes (campo da *Parole*) ficaram de fora de tais estudos.

⁵ Para maior aprofundamento da variação na concordância verbo-sujeito, recomendamos a leitura de um dos primeiros trabalhos da linguista Marta Scherre. O trabalho foi publicado a 30 anos; mas a menção da variação verbo-sujeito em livro didático em 2014 pareceu aos críticos não ter qualquer fundamentação científica. Ver SCHERRE, M. M. P. *Aspectos da concordância de número no português do Brasil*. Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) - Norma e Variação do Português. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12:37-49. dez. de 1994. Disponível em: <http://www.ai.mit.edu/projects/dm/bp/scherre94-number.pdf>. Acesso em 23-11-2024.

nesse respeito, concordamos, em parte, com o gramático Evanildo Bechara, que se posicionou desfavoravelmente ao livro *Por uma vida melhor*, por ele considerado como uma proposta técnica perfeita, mas inadequada à sala de aula:

A tarefa do linguista é examinar a língua sem se preocupar com o tipo de variedade, se é variedade regional, se variedade familiar, se é variedade culta. Ele estuda a língua como a língua se apresenta. Já o professor de português, não. O professor de português tem outra tarefa. Se o aluno vem para a escola, é porque ele pretende uma ascensão social. Se ele pretende essa ascensão social, ele precisa levar nessa ascensão um novo tipo de variante. Não é uma variante que seja melhor, nem pior. Mas é a variante que lhe vai ser exigida neste momento de ascensão social. [...] Essa ascensão social não vai exigir só um novo padrão de língua, vai exigir também um novo padrão de comportamento social. Essa mudança não é só na língua. Portanto, não é um problema de preconceito.⁶

De fato, o aluno precisa aprender variantes da língua portuguesa para além da que ele conhece; e o papel da escola é oportunizar ao aluno o conhecimento dos usos da língua que são prestigiados socialmente. Mas, diferentemente de Bechara, entendemos que a norma prestigiada⁷ se dá a conhecer em processo de reflexão acerca das várias normas; afinal, ninguém deixa de ter no armário uma bermuda apenas por ser ela inapropriada às situações que exigem padrão de comportamento social formal.

O modo como a escola tradicionalmente trabalha a língua portuguesa cria uma percepção equivocada nos alunos. Entendem que a língua portuguesa é difícil, pois muitos estudantes não reconhecem o uso dessa língua em seu dia a dia, não veem essa língua sendo utilizada em casa por seus pais ou na rua, ao conversar com os amigos etc. Entendemos, com Bagno (2007):

À professora e ao professor de língua portuguesa cabe o trabalho de reeducação sociolinguística de seus alunos e de suas alunas. O que isso significa? Significa valer-se do espaço e do tempo escolares para formar cidadãos e cidadãs conscientes das múltiplas escalas de valores que empregamos a todo momento em nossas relações com as outras pessoas por meio da linguagem. (BAGNO, 2007, p. 82)

Por isso a importância do ensino da língua em usos reais, considerando as variações regionais, os contextos sociais, de modo a fazer o aluno mergulhar no universo das variedades, compreendendo-as. Para o público cujo padrão dito como culto já é acessado pela linguagem utilizada por familiares, esse ‘mergulho’ o prepara para

⁶ Excerto da entrevista concedida pelo gramático Evanildo Bechara ao portal *Guia-me*, coluna Educação. Publicada em 31-05-2014. Disponível em <https://guiame.com.br/noticias/educacao/o-aluno-nao-vai-para-a-escola-para-aprender-nos-pegar-o-peixe.html>. Acesso em 23-11-2014.

⁷ Não iremos adentrar na discussão para não sair do foco desta pesquisa; mas destacamos que, ao falarmos em ‘norma prestigiada’, não estamos estabelecendo sinonímia com o conceito de ‘norma culta’ presente na fala do gramático Evanildo Bechara; referimo-nos à norma real, prestigiada, que caracteriza a Norma de Referência do Português Brasileiro.

ouvir as variedades percebidas como estigmatizadas sem preconceito; por sua vez, abre caminhos para o público cujo padrão culto lhe soa como uma outra língua ter vontade de conhecer essa variedade percebida como de prestígio.

Aqui, precisamos falar do conceito de “erro”; a nosso ver, um dos entraves centrais para o tratamento da variação linguística em sala de aula. Erro, na escola, é um conceito que está associado a tudo aquilo que escapa à norma descrita pela Tradição Gramatical Brasileira. Assim, uma estrutura como “nós pega o peixe” é tida como “errada” por não atender à seguinte norma: o verbo precisa concordar em número e pessoa com o sujeito. Mas essa estrutura existe na língua portuguesa e é produzida por falantes nativos da língua portuguesa!

Se partimos da perspectiva de que nativo algum erra na própria língua, apenas atualiza potencialidades do próprio sistema da língua, o conceito de “erro” precisa ser complexificado. Dentro dessa perspectiva, não se pode dizer que uma construção como “nós pega o peixe” é errada; ela pode ser, sim, inapropriada em determinado contexto de uso, mas nela há, sim, regras. Não existe uso da língua sem regras, portanto, sem uma gramática. O que o aluno precisa aprender é que há regras socialmente prestigiadas e por quê? O (des)prestígio evidencia um olhar sobre os usuários da língua, não sobre a língua em si mesma.

3. TRABALHOS ACADÊMICOS SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO

Os repositórios acadêmicos exercem a função de preservar e tornar os trabalhos acadêmicos acessíveis para o público em geral, facilitando a transmissão de conhecimentos científicos variados. Após uma busca nos repositórios acadêmicos de universidades cearenses – UFC, UECE e Unilab – escolhemos os seguintes trabalhos para com eles dialogar:

Tabela 01 – Corpus. Autoria nossa.

Instituição	Tipo	Título do Trabalho	Autoria (Ano de defesa)	Link de acesso
PPGL/ UFC	Dissertação	Sociolinguística, política educacional e a escola pública estadual de Fortaleza/Ce: correlações	Betânia Maria Gomes Raquel	https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3587

		teórico-metodológicas e político-pedagógicas.	(2007)	
PROFLETRAS/UECE	Dissertação	A variação linguística na BNCC e nos livros didáticos do ensino fundamental anos finais: proposta de atividade à luz da pedagogia dos multiletramentos.	Karolina Vieira da Silva Bonaffini (2021)	https://www.uece.br/profletras/wp-content/uploads/sites/72/2022/02/Karolina-Vieira-da-Silva-Bonaffini.pdf
PPGlin/UNILAB	Dissertação	Fenômenos linguísticos variáveis em livros didáticos de língua portuguesa dos anos finais do ensino fundamental.	Munirah Lopes da Cruz (2021)	https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/3932
PPGL/UFC	Dissertação	O tratamento dado à variação linguística do tempo futuro do presente em livros didáticos de língua portuguesa dos anos finais do ensino fundamental.	COSTA, Izabelle de Vasconcelos. (2023)	https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/74254
PPGlin/UNILAB	Dissertação	A abordagem da variação linguística na coleção Se Liga na Língua.	SANTOS, Kátia da Frota. (2023)	https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/5491/1/K%20c3%81TIA%20DA%20FROTA%20SANTOS.pdf

Optamos por resenhá-las separadamente, para depois as colocarmos em diálogo.

3.1. Sociolinguística, política educacional e a escola pública estadual de Fortaleza/Ce: correlações teórico-metodológicas e político-pedagógicas.

A dissertação de Betânia Maria Gomes Raquel foi realizada a partir de reflexões da autora acerca do tratamento dado à variação linguística no Ensino de Língua Portuguesa na 8º série do Ensino Fundamental de 06 escolas públicas de Fortaleza. O problema central abordado pela pesquisa é a correlação entre o que é postulado pelos documentos oficiais e o que as escolas de fato ensinam aos alunos. A pesquisa tem como foco central a variação linguística e o tratamento que lhe é dado pela escola.

O estudo teve como objetivo principal investigar como as escolas analisadas tratam a questão da variedade linguística e analisar até que ponto há correlação entre as práticas escolares, a política educacional e a proposta teórico-metodológica da sociolinguística. O método utilizado para a pesquisa é descritivo-qualitativo e se caracteriza como uma pesquisa documental e de campo. Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas e uma atividade com os alunos.

A pesquisa apontou que existe uma *ausência da concepção sociolinguística de Língua no planejamento pedagógico das escolas*, conforme analisado no Projeto Político Pedagógico. As escolas pesquisadas não evidenciam adequadamente uma visão sobre a língua que leve em conta as particularidades linguísticas e culturais que são próprias da comunidade em que estão inseridas. A autora registra que as escolas não abordam o fenômeno da variação linguística de forma efetiva. Apesar de mencionarem algumas habilidades e atitudes recomendadas nos documentos oficiais, as escolas demonstram não ter um conhecimento pleno do que é, como funciona o fenômeno da variação linguística e sua importância para o desenvolvimento do aluno no que se refere à competência comunicativa, o que se constata da observação dos conteúdos que os professores trabalham efetivamente em sala de aula.

Tais conteúdos focam no aspecto normativista, excluindo a diversidade linguística, o contexto sociocultural e as práticas comunicativas. Através da pesquisa foi notado *preconceito linguístico* por parte dos próprios professores em relação à fala de alguns alunos, segundo eles os alunos escrevem e falam “errado”. Essa afirmação mostra o despreparo acadêmico de tais profissionais; o que é problemático, pois acabam criando barreiras no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos e prejudicando a dinâmica na sala de aula.

O preconceito linguístico leva à desvalorização da identidade desses estudantes, fazendo-os acreditarem que a sua cultura, o seu modo de falar não são dignos de respeito; impactando diretamente na autoestima dos estudantes, tornando-os inseguros em relação às suas habilidades de fala e escrita. A falta de valorização da variação linguística e o excessivo ensino de gramática normativa pode também distanciar o aluno do ambiente escolar, pois, a partir do momento que ele se vê estudando uma língua que não é utilizada por ele em sua vida diária, ele se desinteressa pela matéria, pois essa língua estudada está desconectada da realidade em que ele está inserido.

Outro resultado que deve ser mencionado é que os próprios estudantes internalizaram o preconceito linguístico, levando-os a desenvolver uma visão negativa de sua expressão linguística, tornando-se críticos até mesmo das normas linguísticas dos próprios docentes, o que é reflexo da ausência de trabalho pedagógico com os usos linguísticos variáveis.

3.2. A variação linguística na BNCC e nos livros didáticos do ensino fundamental anos finais: proposta de atividade à luz da pedagogia dos multiletramentos.

A dissertação de Karolina Alves da Silva Bonaffini parte da reflexão de que as práticas tradicionais do ensino da língua não favorecem adequadamente o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos, sendo perceptível através de avaliações como SAEB e Enem.

O objetivo geral desta pesquisa foi propor uma atividade, fundamentada nos pressupostos metodológicos da pedagogia dos multiletramentos, que pudesse expandir o tratamento dado à variação linguística nos livros didáticos voltados para os anos finais do Ensino Fundamental. A pesquisa se insere no campo de pesquisas aplicadas e é de natureza interventiva-propositiva.

A partir das análises dos documentos normativos, com foco na Base Nacional Comum Curricular, e dos livros “Se Liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem” e “Tecendo linguagens: língua portuguesa”, dirigidos para a série de 9º ano da etapa do Ensino Fundamental, chegou-se ao seguinte resultado: A BNCC, ainda que entenda que a língua seja moldada pela sociedade e que a variação linguística é um fenômeno natural da língua, visto que a língua é heterogênea, não integra o fenômeno da variação linguística às práticas de linguagem, levando a crer que ela está separada das outras práticas de linguagem.

A falta de integração entre as partes não dá ao aluno uma aprendizagem efetiva, pois podem não compreender a língua em toda sua diversidade, levando a uma visão de que a língua é uniforme e estática, além de perpetuar o preconceito linguístico, pois, desconsiderar a variação linguística como um fenômeno natural da língua é reforçar a ideia de que apenas a norma-padrão é a correta e que as demais formas de linguagem que não estão nesse padrão são automaticamente “erradas”.

3.3. Fenômenos linguísticos variáveis em livros didáticos de língua portuguesa dos anos finais do ensino fundamental.

A dissertação de Munirah Lopes da Cruz investiga o tratamento da variação linguística e de fenômenos linguísticos variáveis em livros didáticos de língua portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental. Para a análise de como são abordados os fenômenos variáveis referentes ao uso dos pronomes pessoais e da concordância verbal, foram selecionados os livros da coleção *Tecendo linguagens: língua Portuguesa*” (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018), do 6º ao 9º ano. A pesquisa é de abordagem qualitativa, do tipo exploratória, tendo como método o hipotético-dedutivo, com coleta de dados documental.

No que se refere à pesquisa, foi percebido que os livros da coleção *Tecendo linguagens* estão alinhados com a BNCC, ao incluir a variação linguística nos conteúdos programados. Teoricamente esses livros didáticos fazem um bom papel ao contemplar a diversidade linguística do Brasil, porém, ao analisar as atividades direcionadas aos estudantes, foi possível observar que o material didático prioriza o ensino da norma-padrão, a norma “correta”, minimizando o espaço de discussão da variedade linguística, desvalorizando-a.

3.4. O tratamento dado à variação linguística do tempo futuro do presente em livros didáticos de língua portuguesa dos anos finais do ensino fundamental.

A dissertação de Izabelle de Vasconcelos Costa aborda a seguinte questão central: qual o tratamento dado à categoria verbal de tempo futuro do presente e aos aspectos variacionais desta categoria verbal pela coleção *Se Liga na Língua: Leitura, Produção de Texto e Linguagem* (Ormundo; Siniscalchi, 2018), aprovada pelo PNLD 2020, no que concerne às propostas didáticas apresentadas na obra?

O estudo tinha como objetivo descrever o tratamento dado à expressão da variação linguística do tempo futuro do presente em livros didáticos de Língua Portuguesa, especificamente na coleção *Se Liga na Língua: Leitura, Produção de Texto e Linguagem* (Ormundo; Siniscalchi, 2018), com foco nos anos finais do Ensino Fundamental, 6º, 7º, 8º e 9º, aprovada pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) de 2020. A abordagem de estudo da língua tem como base os princípios teórico metodológicos da Sociolinguística variacionista (Weinreich; Labov;

Herzog, 2006 [1968]) e nos pressupostos da Sociolinguística educacional (Bagno, 2007; Bortoni-Ricardo, 2004, 2005, 2014; Faraco, 2008, Vieira; Freire, 2013; Zilles; Faraco, 2015). A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, classificando-se como exploratória. O método utilizado é o hipotético-dedutivo, com a coleta de dados sendo realizada por meio de análise documental.

No que se refere ao resultado da pesquisa, foi constatado que a coleção *Se Liga na Língua: Leitura, Produção de Texto e Linguagem* demonstra alinhamento às orientações BNCC, pois incorpora a variação linguística em sua proposta pedagógica. Porém, em relação ao fenômeno abordado na pesquisa - o tratamento da variação linguística do tempo futuro do presente em livros didáticos de Língua Portuguesa - a coleção demonstra uma abordagem mais voltada para o ensino de língua conforme os parâmetros da norma-padrão.

3.5. A abordagem da variação linguística na coleção *Se Liga na Língua*.

A dissertação de Kátia da Frota Santos tem como objetivo geral analisar o tratamento dado à variação linguística na Coleção de Língua Portuguesa *Se Liga na Língua - 6º ao 9º*, sendo o objeto de estudo a abordagem da variação linguística pelos livros didáticos, versão manual do professor, no contexto da educação básica brasileira, anos finais do ensino fundamental. Trata-se de uma pesquisa descritiva-interpretativa, com coleta de dados documentais.

A pesquisa aponta que, em toda a Coleção *Se Liga na Língua*, os temas da variação e mudança linguística são apresentados, porém, com uma abordagem estruturalista e descontextualizada, por meio de tabelas com pronomes e listas de regências verbais, sem levar em conta o uso real da língua. Com foco na estrutura e nas regras gramaticais apenas de maneira técnica, a Coleção *Se Liga na Língua* deixa a desejar ao não abordar as regras de maneira contextualizada, pois poderia proporcionar ao estudante uma visão mais ampla de sua língua materna e seus diversos aspectos. Apesar de considerar a língua como heterogênea, a coleção trata a norma-padrão como o modelo a ser seguido, como se fosse a única correta, levando a entender que as outras variações da linguagem são incorretas.

3.6 Impressões gerais das quatro pesquisas estudadas.

Da análise dos trabalhos acadêmicos encontrados nos repositórios da UFC, UECE e Unilab sobre *Variação e Ensino* observou-se que os trabalhos se utilizam de

perspectivas e abordagens muito parecidas para tratar da temática e obtiveram resultados semelhantes. Todos os estudos apontam para o fato de que as escolas e os livros didáticos não abordam o fenômeno da variação linguística de maneira efetiva.

Os autores comentam que, nas instituições de ensino, a importância do estudo da variação linguística não é amplamente reconhecida, sendo assim, os estudantes não desenvolvem completamente as habilidades de comunicação, não absorvem o conhecimento da variabilidade linguística e o preconceito linguístico é perpetuado nas escolas através dos professores e alunos.

Foi possível observar que os pesquisadores atribuem grande parte dessa problemática à forma o conteúdo de variação linguística é abordado nos livros didáticos. Segundo os autores, especificamente as coleções *Se Liga na Língua* e *Tecendo linguagens*, que foram os livros analisados pelos estudos, há o ensino do fenômeno de variação linguística, porém, com ausência da *concepção sociolinguística*, privilegiam uma abordagem estrutural, voltada para o ensino sob a perspectiva da norma-padrão. O ensino é descontextualizado e a norma-padrão é privilegiada, pois o foco das atividades encontradas nos livros é majoritariamente gramatical, arrematam os autores.

4. CONCLUSÃO

Entendemos que a falta de uma abordagem sociolinguística afeta negativamente o ensino, pois priva o educando do contato com a língua como ela é: heterogênea, multifacetada, identitária.

O aluno termina o ensino básico com uma visão equivocada do que seja a língua portuguesa, pois ele acaba por associar o conceito ‘língua’ ao conjunto de regras de uma das possibilidades de construção de significados de usos da língua portuguesa: as regras da chamada norma culta. E pior, do modo como foi lhe apresentada: inerte, parada no tempo e no espaço, sem distinção entre usos das variantes portuguesa e brasileira. Daí a língua portuguesa ser percebida como difícil.

A escola deve ser o principal espaço onde a valorização da língua portuguesa acontece, contribuindo para que os alunos possam desenvolver habilidades de uso dos muitos recursos que a língua oferece – entre eles, recursos que são de variedades não prestigiadas, mas explorados por poetas e compositores, a exemplo da belíssima letra da canção “Beija eu”, de Mariza Monte; ou da belíssima “Tiro ao Álvaro”, de Adoniran Barbosa. Quem reduziria os poemas de Patativa do Assaré à categoria de não arte

quando no poema *Autobiografia*, assim lê: Mas porém como a leitura / É a maió diciprina /E veve na treva iscura / Quem seu nome não assina, / Mesmo na lida pesada, / Para uma escola atrasada /Tinha uma parte do dia, / Onde estudei argum mês / Com um veio camponês /Que quase nada sabia.

Entendemos que uma das ferramentas mais importantes para auxiliar no combate ao preconceito linguístico é o livro didático, que acompanha professores e alunos durante todo o ano letivo, daí ser essencial que o livro didático apresente conteúdos e atividades de forma contextualizada, para que o conteúdo se conecte à realidade do estudante e ele sintase motivado a estudar determinado conteúdo, tornando a aprendizagem muito mais relevante para ele. O livro didático, ao valorizar a diversidade linguística faz com que os estudantes compreendam que a língua é dinâmica, está em constante mudança a depender do contexto em que os usuários de uma língua se encontrem e que eles próprios podem utilizar sua língua materna de diferentes formas.

Sem dúvida, é de extrema importância quebrar o ciclo de perpetuação do preconceito linguístico na sociedade em geral, esse trabalho de conscientização e valorização da pluralidade linguística começa nas escolas, em um trabalho conjunto entre a gestão escolar, professores e materiais didáticos.

No entanto, há outro ciclo que precisa ser quebrado: o das pesquisas em âmbito de pós-graduação que não somam forças a um projeto maior. Dos trabalhos resenhados nesta pesquisa vimos que as conclusões atestam um problema em comum: deficiência formativa de docentes quanto ao fenômeno linguístico da variação e tratamento inadequado do fenômeno nos materiais fornecidos a professores e alunos. Mas tais trabalhos não *dialogam* entre si.

Por que as universidades federais e estaduais do Estado do Ceará não se unem de modo a que os trabalhos dialoguem e dele surjam opções de materiais sobre variação linguística adequados ao espaço da sala de aula? Entendemos que é preciso, com urgência, a realização de uma metapesquisa que catalogue as pesquisas já produzidas sobre ‘variação e ensino’ e que possa haver mais proposições que se materializem em recursos didáticos para os professores do Estado do Ceará a partir do que esses trabalhos atestam, de modo a que a *variação* se torne central, um eixo para a compreensão da língua portuguesa. Parece haver um perpétuo ciclo de pesquisas que atestam problemas, sem que todas essas constatações se transformem em proposições.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. Parábola Editorial. São Paulo. 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos, CASSEB-GALVÃO, Vânia; REZENDE, Tânia Ferreira. **Dinâmicas funcionais da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BONAFFINI, Karolina Vieira da Silva. **A variação linguística na BNCC e nos livros didáticos do ensino fundamental anos finais: proposta de atividade à luz da pedagogia dos multiletramentos**. 2021. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais - terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**. Língua Portuguesa. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998b.

CASTILHO, A. T. de. **A língua falada e o ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2000.

COSTA, Izabelle de Vasconcelos. **O tratamento dado à variação linguística do tempo futuro do presente em livros didáticos de língua portuguesa dos anos finais do ensino fundamental**. 2023. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

COSTA, Vera Lúcia Anunciação. A importância do conhecimento da variação linguística. **Educ. Rev.**, Curitiba, n. 12, p. 51-60, 1996. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40601996000100005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 nov. 2024.

CRUZ, Munirah Lopes da. **Fenômenos linguísticos variáveis em livros didáticos de língua portuguesa dos anos finais do ensino fundamental**. 2021. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Acarape, 2021.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: os níveis de fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira**. São Paulo: Edusp, 1994.

RAQUEL, Betânia Maria Gomes. **Sociolinguística, política educacional e a escola pública estadual de Fortaleza/Ce: correlações teórico-metodológicas e político-pedagógicas**. 2007. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

SANTOS, Kátia da Frota. **A abordagem da variação linguística na coleção Se Liga na Língua**. 2023. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2023.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Contexto, 2000.

TRAVAGLIA, Carlos Luiz. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 11. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.